

Julie Maggesi

Aira Suzana Ribeiro Martins

Poema?

**Para
quê?**



Caderno de atividades



Rio de Janeiro, 2020

Julie Maggessi

Aira Suzana Ribeiro Martins

Poema?

**Para
quê?**

Julie Maggesi

Aira Suzana Ribeiro Martins

Poema?

**Para
quê?**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2020

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M193	<p>Maggessi, Jullie</p> <p>Poema? Para que? Caderno de atividades / Jullie Maggessi; Aira Suzana Ribeiro Martins. - 1.ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2020.</p> <p>[43] p.</p> <p>Bibliografia: p. [42-43].</p> <p>ISBN: 978-65-5930-081-5.</p> <p>1. Literatura brasileira – Estudo e ensino. 2. Poesia. 3. Letramento literário. 4. Multimodalidade. 5. Tecnologia digital. I. Martins, Aira Suzana Ribeiro. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: B869.91</p>
------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves da Silva – CRB-7: 5692.

Resumo

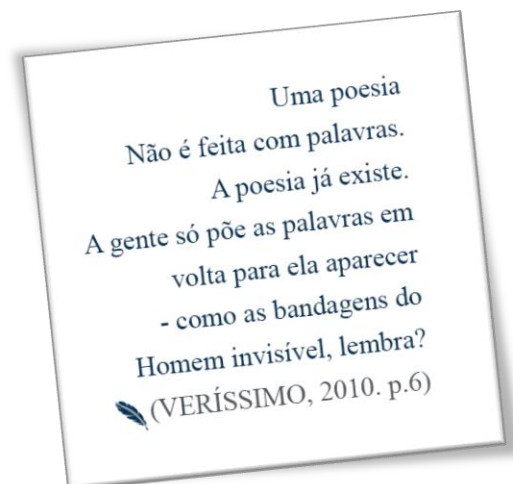
Este produto educacional faz parte do Programa de Mestrado Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II, ele consiste em um manual que explica o que é o gênero textual poema e como o uso de tecnologias digitais pode auxiliar na construção da sua significação. A sua finalidade consiste em apresentar uma proposta de trabalho com o Gênero Poético, abordando suas características, sua interpretação crítica, sua importância social como gênero textual, utilizando a tecnologia digital como ferramenta para promover a participação ativa do aluno no estudo do gênero em questão.

Palavras-chave: Gênero Poético; Tecnologia Digital; Multimodalidade; Letramento Literário.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 Pensar e refletir	8
Atividade 01	22
Atividade 02	25
Atividade 03	29
Atividade 04	36
Atividade 05	39
Atividade 06	40
Atividade 07	41
Bibliografia	43

1 INTRODUÇÃO



Professor(a),

Este caderno de atividades originou-se com o propósito de formulação de atividades para serem trabalhadas com alunos do 1º ano do Ensino Médio. Ele é o Produto da Dissertação de Mestrado intitulada “De Camões a Drummond, poesia para quê? Refletir o Gênero Poético por meio de tecnologias digitais.”, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Ainda que sejam sugestões de atividades, esperamos que elas contribuam na edificação de um ambiente de investigação e de criação na sala de aula.

Este produto consiste em apresentar uma proposta de trabalho com o Gênero Poético, abordando suas características, sua interpretação crítica, sua importância social como gênero textual, utilizando a tecnologia digital como ferramenta para promover a participação ativa do aluno no estudo do gênero em questão.

Quando iniciamos o estudo do Gênero Poético, muitas indagações se fizeram presentes e orientaram as propostas de trabalho apresentadas aqui. Será preciso envolver o aluno nas redes dos poemas para, somente depois, mostrar-lhe o seu estudo, sua composição, suas características, seus estilos, suas figuras de linguagens, suas rimas, suas métricas e assim por diante. Começamos a gostar de ler porque alguém nos lê algo do qual gostamos. Ou seja, há um interesse envolvido no processo de “gostar de algo”. Será preciso demonstrar que existe um sentido para a leitura e será necessário envolver os alunos no processo não só de leitura, mas de criação e participação. O que desejamos, em

princípio, será despertar o interesse dos alunos e, para isso, buscaremos na tecnologia digital uma forma de motivá-los e de envolvê-los, já que estamos vivendo em uma sociedade que observa e vivencia experiências por uma nova perspectiva que é o ambiente virtual.

O produto traz sete propostas de atividades a serem realizadas, objetivando, sempre, uma interpretação significativa do poema a partir do contexto social do aluno.

A leitura e a construção de poemas permitem que os alunos estejam inseridos em uma rede infinita de significados, estimulando o desenvolvimento de suas estratégias de ação e interpretação. O processo é importante a fim de que os alunos possam se posicionar nos fatos cotidianos. A interpretação significativa do poema torna-se fundamental para que possamos entender e ler um mundo permeado de linguagens. Assim, interpretar significativamente é gerar “um para quê?”, ou seja, é demonstrar a importância de ler o mundo, ler a vida, ler as relações que nos cercam cotidianamente, ler a nossa história.

Uma educação de qualidade no século da contemporaneidade deve estar apta a estimular o aluno a lidar com os dinamismos que a vida social e cultural apresenta. Preparados a lidar com a dinâmica do mundo globalizado, eles passarão a se posicionar diante de tantas mudanças repentinas. Uma educação de qualidade se destina não somente ao acúmulo de conhecimento ou testes práticos. Ela visa a lidar com os diferentes fatores que influem nas decisões e posições dos alunos, tais como a sua personalidade ou a visão que possuem diante das diferentes realidades que o mundo nos traz. A escola deve lidar, não só com questões externas como a política e a economia, como também com os elementos internos existentes na vida de cada um.

Esperamos que esta proposta de trabalho seja possível de ser realizada e que venha a enriquecer seu trabalho, despertando em seus alunos o interesse pelo Gênero Poético.

BOM TRABALHO!

Julie Maggesi

Neste trabalho, buscamos fazer considerações a respeito da utilização do Gênero Textual Poema, sua importância para uma visão crítica da sociedade, e sua integração à tecnologia digital, em particular a tecnologia digital móvel. Seguiremos, portanto, as perspectivas teóricas de Marcuschi (2008) sobre análise de gêneros textuais, as de Rojo (2015, 2013, 2012) sobre hipermodernidade e tecnologia, as de Bunzen (2013), as de Moreira (2017) e as de Bairral *et al.* (2015) sobre a tecnologia digital.

2.1 Por que estudar os gêneros textuais?

Precisamos enfatizar que os gêneros textuais estão em nossas vidas, ou melhor, permitem que as esferas da vida se cumpram por meio de nossa comunicação, feita através dos diversos gêneros textuais. Assim, comunicamo-nos cotidianamente, nas mais diferentes esferas sociais, por meio dos mais variados gêneros. Basear-nos-emos, destarte, no pensamento direcionado por Marcuschi (2008) em que a ampla discussão sobre os gêneros textuais é centro de estudo. Para o autor, os gêneros são uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais, o que nos demonstra a amplitude e relevância do estudo. Assim, Marcuschi (2008) diferencia a noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. Apresentando-nos tipo textual como “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempo verbal, relações lógicas, estilo}” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Assim, são modos textuais que abrangem a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção. No entendimento de Marcuschi (2008, p. 155), o gênero textual é caracterizado por referir-se “aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes [...] da nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos”. Ainda segundo o referido autor, o domínio discursivo é definido como uma instancia discursiva “que não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Essa definição permite-nos observar a importância dos gêneros textuais nas relações que nos cercam como sociedade. A interação humana norteadada pela capacidade linguística, geradora de sentido, possibilita identificar que “não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Daí, a razão precípua de ensinar ao aluno a relevância social de um texto, a sua interpretação crítica e as relações de sentido as quais

se estabelecem a partir da sua leitura. Uma vez que o aluno percebe que um texto traz um pensamento social e que esse texto faz parte de um gênero textual, produzido em um determinado domínio discursivo, ele consegue inserir-se como ser integrante da sociedade. É importante ressaltar que devemos, como professores, possibilitar a produção do aluno como esse ser que integra uma sociedade e deve estar apto a ela, e, não, apenas, apresentar a leitura. A produção de um gênero textual pelo aluno é o encontro da sua perspectiva com os discursos de poder que nos cercam cotidianamente em nossa sociedade. Esse pensamento vai ao encontro do que resalta Marcuschi (2008) quando diz: “Os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder.” (MARCUSCHI, 2008, p. 161). Essa relação estabelecida entre as atividades discursivas e a relação de poder que as envolve não é sempre clara para o aluno. É preciso intervir, como professor, nos estudos dos gêneros, levando o aluno a pensar e refletir de maneira crítica, questionando desde a sua composição tipológica até as relações que criam um domínio discursivo. Se não podemos pensar em gênero textual desvinculado de nossa sociedade, não podemos ensinar um gênero textual que vise, somente, a questões linguístico-estruturais, ignorando a sua relação enquanto ferramenta social.

A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros. Nesse contexto, é central a ideia de que a língua é uma atividade sociointerativa de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. O funcionamento de uma língua no dia a dia é, mais do que tudo, um processo de interação social. Claro que não é a língua que discrimina ou que age, mas nós que com ela agimos e produzimos sentidos. (MARCUSCHI, 2008, p. 163)

Assim, produzir sentido é analisar um gênero textual criticamente, observando e integrando todos os aspectos de sua composição linguístico-sociais, já que é imprescindível o trabalho que reforce esse poder do texto dentro de uma sociedade em sala de aula. O aluno precisa produzir seus textos para que sejam lidos e expostos. Não há como ensinar ao aluno a importância social de um texto, se essa realidade não for vivenciada por ele.

Destarte, a leitura crítica do poema e sua produção se inserem nesse contexto reflexivo e gerador de sentido dentro da realidade do aluno. Tornar a leitura dos poemas em sala de aula prática rotineira de imersão crítica e reflexiva sobre os aspectos cotidianos que nos espreitam diariamente é elemento que contextualiza nossa existência subjetiva e social. Enfatizando o que considera Marcuschi (2008) as relações de poder e formas de

controle social, produzidas por nós seres humanos por meio dos gêneros textuais e que devem ser assim percebidas por nossos alunos.

Na contemporaneidade, os gêneros se misturam a todo tempo. Por isso a definição do que vem a ser gênero se torna cada vez mais complexa. Afinal, refletem a dificuldade de estabelecer limites entre as classificações. Elas constantemente se comunicam e se reinventam. Assim, Marcuschi (2008) chama a nossa atenção para a questão da intergenericidade, definição utilizada pelo autor para definir a hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro. É dentro dessa perspectiva que se insere nosso trabalho com o Gênero Poético dentro da sala de aula. Ao praticar a intergenericidade, utilizando a tecnologia digital para trabalhar o Gênero Poético, a prática se estabelece na criação de uma mídia digital pelos alunos, com base nos poemas trabalhados em sala de maneira exaustiva, tanto com leituras e análises orais, quanto escritas, reflete um contexto de intergenericidade importante nos dias atuais, em que o aluno se entende como ser integrado às tecnologias digitais. Com essa proposta, buscamos uma integração entre o aluno e o poema, buscando elevar seu interesse pelo gênero em questão. Segundo Marcuschi (2008), “[...] compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 230). O que buscamos, então, é essa compreensão por parte dos alunos a respeito dos poemas. Uma compreensão que seja crítica, reflexiva e para isso devemos integrar o gênero ao contexto do aluno que é digital.

O cotidiano do aluno está imerso nos meios tecnológicos, os quais tornam esse cenário mais complexo, uma vez que inserem novas formas de organizar as ideias, novos recursos de linguagem e, portanto, multiplicam-se as formas de combiná-los ou interpretá-los.

A poesia na pós-modernidade é a ferramenta capaz de colocar com exatidão, no mesmo plano, fenômenos tão distintos. Como há uma possibilidade de combinar as formas, a poesia pode ser ao mesmo tempo subjetividade e crítica social. Os recursos proporcionados pela revolução técnico-científica trazida pela globalização são fatores que incrementam a produção poética. O contato com a poesia pode ser feito a todo momento, por via digital. A internet é repleta de filtros e índices de procura que facilitam o leitor a encontrar obras que caíam no domínio público. A qualquer instante é possível que o usuário tenha acesso à sua poesia ou ao seu conto preferido. Como foi dito anteriormente,

o cotidiano é a base para que sejam escritas novas produções poéticas. As figuras seguintes são exemplos dessa integração entre o poema e a mídia digital.

Figura 01 - Perfil público da rede social Instagram



Fonte: Instagram

Figura 02 - Perfil público da rede social Instagram



Fonte: Instagram

Figura 03 - Perfil público da rede social Instagram

Figura 04 - Perfil público da rede social Instagram

também maneira de aprendizado. As pessoas aprendem novas maneiras de se comunicar através do contato com diferentes partes do globo.

Nesse sentido, a poesia pode também ser uma nova forma de aprendizado. Ao retratar o cotidiano de distintos locais, elas podem vir carregadas de expressões locais, que em princípio são novas do vocabulário do leitor. A era tecnológica é, portanto, capaz de aproximar os lugares mais longínquos e assim permitir a criação de novas formas de comunicação e aprendizado. A ampliação da circulação das poesias não seria possível sem o suporte trazido pelas novas tecnologias. Elas permitem que diferentes obras sejam lidas a qualquer momento e lugar de acordo com a vontade do leitor.

Em meio a uma intensa utilização de tecnologias presente no cotidiano, a poesia também serve como válvula de escape à alienação. As pessoas dedicam horas de seu tempo em frente às telas de computadores ou celulares, sob risco de se manterem alheias à realidade e até mesmo à exteriorização de seus pensamentos ou sentimentos. A poesia se revela, assim, como uma janela para a reflexão das ideias mais profundas. É a manifestação da liberdade do autor, de suas impressões mais profundas, que muitas vezes são deixadas de lado com as turbulências do dia a dia.

2.2 Qual a importância da poesia?

Nossa sociedade se comunica de forma complexa por diversos gêneros textuais que integram a rotina cotidiana, seja dos meios mais formais em que se tem a formulação de documentos oficiais, seja no convívio familiar mais informal. Os gêneros textuais abrangem e permeiam a comunicação humana de acordo com sua necessidade de interação. A linguagem é volátil e a língua, por sua vez, segue a evolução humana da mesma forma como um organismo vivo, que é capaz de se adaptar ao seu tempo. Essa interação entre os gêneros textuais e a sociedade que os utiliza é destacada por Marcuschi (2011, p. 18, grifo do autor):

Na realidade, o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades dinâmicas.

O autor concebe, então, os gêneros textuais como formas culturais e cognitivas de ação social, apontando a importância das relações estabelecidas pela linguagem dentro de

uma comunidade linguística. Essas relações determinam vivências e visões de mundo, e através dessa troca dinâmica e corrente fazemos a leitura do universo que nos cerca. Toda experiência e percepção dessa experiência revela uma nova realidade, ou melhor, permite a interpretação das ações nas quais estamos inseridos. Essas relações linguísticas estabelecidas pelos gêneros textuais nos levam verdadeiramente a ações sociais. Desse modo, entender os significados dos textos é fundamental para a interação social, para que possamos estar incluídos como cidadãos reflexivos no contexto político, escolar, familiar, dentre outros. Marcuschi (2011) aponta, ainda, que “se a escrita está envolvida, ocorre uma visão diversa da parte de quem lê e de quem não lê, o que permite uma socioanálise das relações entre gêneros e letramento” (MARCUSCHI, 2011, p. 25). É justamente essa socioanálise que devemos destacar nos estudos dos gêneros textuais. Uma das formas de marginalização e de exclusão social está vinculada ao poder daqueles que detêm a informação e fazem dela ferramenta de segregação. Daí a importância e a necessidade de um ensino linguístico que se baseie, de fato, na produção, interpretação e inferência desses gêneros textuais. É importante que um ensino funcional e produtivo da língua e da literatura de fato se faça presente nas escolas, por isso:

[...] O objetivo é sugerir que as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre o texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com *o que o texto diz*, mas reside no *modo como o texto diz o que diz*. (LAJOLO, 2008, p. 50, grifo da autora)

Daí a importância de a leitura ser direcionada com questionamentos e cabe ao professor a mediação entre o texto e o aluno, levando-o a perceber o trabalho linguístico e sua contribuição social ao refletir a sobre determinado assunto.

Em meio a toda essa interação entre os gêneros e a sociedade se encontra o gênero poético, pouco destacado entre os múltiplos gêneros em prosa que permeiam nosso ambiente de interação. O primeiro contato com o texto e sua reflexão geralmente se inicia nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, tendo continuidade ao longo do Ensino Fundamental II e culminando no Ensino Médio. Acreditamos que esse primeiro contato com o gênero faz a ponte necessária entre um leitor e o texto em questão. Pouco ou quase nada, entretanto, se tem observado nesse caminho em direção ao gênero poético como destacado na afirmação:

A primeira fase de ensino fundamental (1º ao 5º ano) apresenta problemas graves no trato com o gênero poético – isso quando existe contato! Normalmente, as professoras dão prioridade ao trabalho com

textos em prosa, deixando sempre a poesia em segundo ou terceiro plano. (PINHEIRO, 2018, p. 12)

Essa falta de contato ressaltada pelo autor é, muitas vezes, a realidade de nosso ensino com relação ao estudo da poesia. É preciso destacar a importância do gênero poético para o aluno que está inserido em uma sociedade. Entender, inferir e argumentar são ações fundamentais em uma sociedade que se comunica através de múltiplos gêneros. A poesia, por sua vez, é um texto literário que apresenta ao seu leitor não só a eclosão de sentimentos, mas uma gama variada e complexa de diferentes realidades e formas de enxergar o mundo, colocando-se no lugar do outro, abrindo novas perspectivas, proporcionando, assim, vivências sociais capazes de fazer com que haja uma reflexão sobre a realidade em que se encontra o leitor em questão. Diante disso:

Leitores ampliam seus horizontes emocionais e intelectuais, adquirindo novas dimensões de saber e autocompreensão através de obras literárias. Esse é um dos motivos frequentes de recomendação da leitura de textos literários como complementação da educação da pessoa, como se uma percepção mais clara de certas “realidades” pudesse emergir através da experiência literária. (LEAHY-DIOS, 2004, p. XXVIII, grifos da autora)

Estamos nos referindo, justamente, a essa mudança ocasionada pela leitura literária a que se refere a autora. A realidade com a qual nos deparamos, muitas vezes, torna-se insensível no decorrer do dia a dia. É preciso que haja uma reflexão, muitas vezes até brutal, que nos leve a questionar o nosso papel diante da vida, diante da nossa existência e diante das outras pessoas com quem convivemos. Gustavo Bernardo Krause, professor do Instituto de Letras da UERJ, em seu artigo intitulado “Por que a literatura é tão estranha?” (2013) apresenta-nos a literatura como uma figura personificada e estranha, na medida em que afirma: “A Literatura fratura o hábito e nos força a prestar atenção, tanto nela mesma quanto na realidade” (2013, p. 26) assim, perceber a realidade de outra maneira é modificá-la, fazendo com que os caminhos traçados por nós, indivíduos sociais, possam ser modificados, ou não, de acordo com a nossa escolha; escolha essa feita de forma consciente diante de todas as reflexões proporcionadas pelos questionamentos surgidos a partir da estranheza causada pela obra literária. Leahy-Dios afirma: “Assim, a lacuna maior a ser preenchida nas aulas de literatura seria a descoberta de possibilidades através do exercício de capacidades críticas na leitura literária.” (LEAHY-DIOS, 2004, p. XXXIII).

Essas capacidades críticas a que estamos dando valor, essa construção do saber que se eleva pela ampliação da realidade em questão, muito variada dentro de uma sala

de aula, principalmente, nas escolas públicas onde há diversas realidades sociais no mesmo ambiente de ensino, estabelecem a relação entre uma leitura significativa, capaz de conferir autorreflexão e a leitura superficial, rasa, sem significação de mundo, destituída de sentidos.

A transformação de nossas experiências de mundo em matéria textual envolve, necessariamente, fatores socioculturais e recursos de expressão comuns aos membros da comunidade. Uns e outros se refletem em nossos textos, na medida em que, balizando nossas escolhas por meio de um sistema coletivo de representações, fazem do que dizemos / escrevemos um meio de contato que viabiliza o entendimento entre dois sujeitos. Portanto, o que ‘vale’ para a interação por meio da palavra não é o que ‘está na minha cabeça’, mas o que meu interlocutor compreende graças aos sinais que produzo. (AZEREDO, 2018, p. 10, grifos do autor).

O autor considera que a importância de um texto, seja ele verbal ou não verbal, está na relação de envolvimento tanto daquele que escreve, quanto daquele que lê (interpreta) os sinais estabelecidos pelo texto. Essa relação demonstra que existe uma motivação por parte de quem produz um texto. Assim, um texto poético, por exemplo, possui não só as mensagens que se apresentam na superfície da palavra, mas também relações mais profundas estabelecidas pela combinação texto / sociedade. E é a partir dessa relação que se pode entender que:

Os textos literários, em especial, não têm compromisso com o mundo dos fatos. Literatura não é reportagem, nem jornalismo ou história. Textos literários não falam necessariamente das “realidades” que nossos sentidos nos permitem testemunhar; falam de outra realidade, menos óbvia, porém mais profunda, a realidade a que estamos todos submetidos por força de uma condição comum: a condição humana. (AZEREDO, 2018, p. 83, grifo do autor).

Pensando nessa experiência profunda a que se refere Azeredo, podemos depositar grande parte da importância do texto poético. A interação entre o leitor e seu texto literário deve ser capaz de provocar um sentimento catártico propiciador de reflexões impulsionáveis, transformadoras, impertinentes, notórias de uma autorreflexão. Essa ideia mostra que:

Literatura é, do ponto de vista estilístico, recriação verbal, guiada pela imaginação, do mundo que a memória e os sentidos põem ao alcance do homem. Tanto o processo quanto o efeito dessa recriação testemunham um dom exclusivo do ser humano: a capacidade de mergulhar em si mesmo, de indagar-se sobre o sentido (ou a falta de sentido) de sua existência, de dar-se respostas ou de tornar-se cético perante a ausência delas. (AZEREDO, 2018, p. 83).

Nem sempre o texto literário terá alguma razão que nos faça questionar o sentido, ou não, da nossa existência. Mas a capacidade de tornar a realidade diferente através do processo de um colocar-se no lugar do outro, enxergar vieses alheios a nós, é entender que a Literatura é maior do que o objeto da arte em si; ela é transgressora de realidades, fundamentando-se na nossa necessidade maior que se estabelece na essência do convívio social e, por isso “A literatura é um forma de arte, como a música e a pintura. Mas uma peculiaridade lhe confere uma responsabilidade social exclusiva: o fato de usar, como meio de materialização, a mesma linguagem do cotidiano das pessoas” (AZEREDO, 2018, p. 84) proporcionando, dessa forma, um olhar diferenciado para as rotineiras ações realizadas por nós. Assim, o cotidiano no qual estamos inseridos se apresenta na perspectiva da complexidade, as partes que compõem um sistema, ou seja, uma sala de aula ou uma unidade escolar, estão em constante processo de interação, auto-organização, autorregulação e reagem a estímulos tanto internos quanto externos (MORIN, 2000, 2005). O ambiente da aprendizagem está, então, dotado por múltiplos recursos tecnológicos que configuram no acréscimo de múltiplas semioses e nos fazem pensar sobre a necessidade de entendermos que a tecnologia precisa ser uma ferramenta no estudo do poema. Sendo ela uma representante do mundo em que vive o aluno do século XXI.

2.3 Por que utilizar a tecnologia?

Precisamos enfatizar que os gêneros textuais estão em nossas vidas, ou melhor, permitem que as esferas da vida se cumpram por meio de nossa comunicação, feita através dos diversos gêneros textuais.

Inserir, portanto, a noção de gênero textual e sua importância no cotidiano do aluno, poderá ser uma tarefa significativa se houver a integração com os gêneros que permeiam a área tecnológica. O estudo do gênero precisa ser dotado de serventia para o aluno; ele precisa perceber sua importância e, mais ainda, precisa entender de que forma o domínio dos gêneros textuais interfere em sua realidade social, seja para modificá-la seja apenas para constata-la.

É necessário lembrar que:

[...] o mundo mudou muito nas últimas décadas, ninguém há de discordar. E não somente pelo surgimento de novas tecnologias digitais

da informação e comunicação (doravante TDICs), embora com seu luxuoso auxílio. Surgem novas formas de ser, de se comportar, de se discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens. (ROJO, 2015, p. 116)

Percebendo essa importância, entendemos que é necessária a integração da Tecnologia Digital ao estudo do Gênero Poético. Dessa forma é possível responder à questão da pesquisa em pauta, ou seja, que contribuições o uso de tecnologias digitais poderá proporcionar aos alunos do 1º ano do Ensino Médio na construção da significação do poema.

Para fazer essa integração entre o estudo do gênero poético e a tecnologia digital, será necessário partir, inicialmente, de uma aula expositiva da disciplina de Literatura. O aluno entenderá a importância de se apropriar do conteúdo, uma vez que precisará dele para refletir sobre sua abordagem como parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva:

[...] o objetivo da aula expositiva é somente conseguir que os alunos adquiram uma compreensão inicial, indispensável para a aprendizagem de um novo assunto. Isso significa que uma aprendizagem total não pode ser alcançada numa aula expositiva. (MATTOS, 1976 *apud* LOPES, 1991, p. 39).

Assim, ao introduzir o Gênero Poético na aula expositiva, o intuito será demonstrar suas características e dar ao aluno uma primeira percepção sobre o gênero, fazendo com que a reflexão sobre sua abrangência fique por conta das atividades subsequentes. Isso gerará a aproximação com a compreensão de Mattos (1976) sobre a aula expositiva e a atividade proposta em sala, uma vez que consideramos a impossibilidade de haver apropriação e significância do conteúdo sem o envolvimento ativo do aluno.

A aula expositiva, muitas vezes, pode se configurar na inércia daquele que aprende, fazendo com que seu raciocínio crítico não seja estimulado. Se o professor expõe as características de um determinado assunto, sem que haja a participação ativa e reflexiva de todos os envolvidos, em uma dialética que busque um significado aplicável no cotidiano de ambos os envolvidos, não há, então, razão para se permanecer nessa prática. O aluno precisa se sentir parte de seu processo formador, agente na prática da aprendizagem. Assim, a tecnologia digital pode ser fundamental nesse processo.

Com o objetivo de manter essa relação dialética na sala de aula, ou seja, aluno interagindo com aluno e com o professor, percebemos a importância de um diálogo por meio de uma linguagem que seja dominada pelo aluno.

É diferente, portanto, a maneira de se encarar o mundo. Suas relações estão modificadas e a velocidade com que se lê, vê e interpreta uma mensagem, seja ela uma notícia jornalística seja uma música, mudou. Desse modo, o que podemos esperar de uma sala de aula com nativos digitais é que haja esse mesmo movimento dinâmico em suas relações.

Seguindo esse caminho e buscando uma ação, uma participação ativa do aluno, como forma de modificar a relação estante de outro tempo dentro de sala, e como forma significativa e crítica da apreensão textual, entendemos que:

A presença das tecnologias e das telecomunicações trouxe nova dinâmica à maneira de se comunicar, de se informar e, sobretudo, de aprender. Com o conhecimento descentralizado e fluido nas diversas linguagens e nos meios de comunicação, o educador tem hoje mais recursos para se posicionar como um mediador dessas várias oportunidades educativas. (SINGER, 2017, p. 20)

Compartilhando das ideias de Singer (2017), Bunzen (2013) afirma que a utilização de tecnologias digitais na educação propicia a produção de gêneros textuais, oferecendo diversas possibilidades tecnológicas que favorece um cenário construção de conhecimentos.

Diante dessa realidade, que é a nova dinâmica comunicacional, inerente à geração atual, entendemos a necessidade de utilizar o recurso tecnológico digital como uma ferramenta no contexto de sala de aula. A importância desse olhar por diversas perspectivas é fundamental para nossa análise crítica do poema que se configura como uma forma de interpretar a sociedade da qual fazemos parte.

É nesse sentido que direcionamos nosso trabalho. Buscamos uma integração entre a tecnologia e o estudo do poema para criar uma estratégia que favoreça o ensinar e o aprender. Sabemos que o cotidiano do aluno está cercado de tecnologias digitais e, dentre elas, a mais marcante, tornou-se a tecnologia digital móvel. Os celulares, então, ganham destaque em nossa sociedade. Representam uma nova forma de olhar, interagir e integrar-se ao mundo. O aluno não se percebe como ser desvinculado dessa tecnologia, pelo contrário, entende-se como uma unidade *multi-touch* capaz de estar conectado, ao mesmo tempo, no mundo real e virtual.

As tecnologias digitais móveis vêm ganhando cada vez mais espaço na vida dos indivíduos. São celulares com *touchscreen*, *notebooks*,

tabletes e iPads que também assam a fazer parte do cotidiano da maioria dos nossos alunos. Embora algumas dessas interfaces não sejam novas, a presença desses dispositivos móveis - principalmente com *touchscreen* – parece assumir uma posição de destaque no ambiente escolar por parte dos discentes, pelo menos, em seu uso pessoal (BAIRRAL; ASSIS; SILVA, 2015, p. 21).

Esse contato do aluno com o ambiente virtual, o qual pode ser acessado a todo o momento, através da tecnologia digital móvel (o celular), muda a forma com que ele se percebe como indivíduo. Ou seja, o aluno está fazendo uso dessa tecnologia para interagir socialmente, ler os acontecimentos que o cercam e que são relevantes para ele.

Em nosso trabalho, com o intuito de levar o aluno a uma significação do gênero poético, utilizaremos a tecnologia digital para uma releitura dos poemas trabalhados em sala, criando uma mídia digital que traduza os respectivos poemas a partir da visão tecnológica de cada um.

Atividade 01

Nome da atividade

Existe um poema ideal?

Objetivo

Construir uma significação a partir do poema, refletir sobre a composição do gênero.

Recursos digitais

Computador, projetor e internet.

Tempo

50 min.

Professor(a), ao iniciar nossas atividades, você perceberá que elas se destinam a aprofundar o conhecimento do aluno sobre o poema. Reconhecer sua estrutura, observando características como forma, tema e reflexões cotidianas. A atividade pode ser realizada de forma lúdica. A leitura do poema pode ser feita por grupos diferentes intercalados, pode-se utilizar de recursos tecnológicos como, por exemplo, imagens de redes sociais, músicas. Com isso o que buscamos é integrar o conhecimento às várias redes as quais os alunos encontram-se interconectados.

O texto que inicia nossas atividades é um poema de Luís Fernando Veríssimo, um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. Famoso por suas crônicas e contos de humor, presenteia-nos com seu livro “Poesia numa hora dessas?!”. O poema Ideal, escolhido da referida obra para essa atividade, explora o caráter metalinguístico do texto. O paralelismo das estruturas que compõem o poema produz um efeito estético e imagético capaz de despertar o interesse e a curiosidade de antemão sobre o texto. As rimas internas e externas produzem uma sonoridade rítmica capaz de nos levar, tão depressa, que mal conseguimos voltar para lê-lo novamente de maneira ideal. E será que existe ideal? O poema é ideal? A leitura é ideal? O eu lírico é ideal? Existe poema ideal? O ideal é bom? O que é o ideal? Quem é ideal? Se o poema não for ideal, não podemos escrevê-lo? A leitura literária ou significativa, ou ainda, crítica é justamente essa feita de dúvidas que nos permitem uma interação dinâmica não só com o texto, mas também com nosso grupo social, com nossos alunos, com o nosso mundo.

**Para saber
mais!**



PINHEIRO, H. Poesia na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

PIGNATARI, D. O que é comunicação poética. 10. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

Ideal

Poema
ideal
é o
que
de cima para baixo e
de baixo para cima
quer dizer o mesmo
como este que
quer dizer o mesmo
de baixo para cima
de cima para baixo e
que
é o
ideal
poema.

(VERISSIMO, 2010, p. 84)

1.1 Qual é o tema tratado no poema?

1.2 No poema, o eu lírico apresenta a sua concepção do que é um poema. Para você o que é um poema?

1.3 Qual o recurso utilizado pelo eu lírico para representar o poema ideal?

1.4 Você concorda com essa visão apresentada pelo eu lírico?

1.5 E para você, o que é ideal?

1.6 Considerando sua reflexão sobre o que é ideal para você, elabore um poema, ou seja, uma estrutura em versos, que represente o que é ideal para você.

Atividade 02

Nome da atividade O soneto

Objetivo Construindo o conhecimento sobre o gênero. Recursos poéticos: rima e métrica. Conhecimento da estrutura do soneto.

Tempo 4 tempos de 50 min.

Professor(a), a atividade consiste em mostrar ao aluno o conhecimento da estrutura do soneto. Abordaremos alguns recursos poéticos como rima, métrica e composição lógica do raciocínio estruturada pelo soneto. A atividade traz um soneto de Luís de Camões, um dos maiores poetas da língua portuguesa. Consagrado como grande poeta, autor de *Os Lusíadas*, escreveu formas poéticas variadas, Camões exercitou seu talento em diversos campos da poesia lírica indo da redondilha de origem medieval ao soneto renascentista. Encontramos em Camões a dor amorosa, inspirada nas figuras clássicas de Eros e Cupido; a passagem do tempo centro da angústia humana causada pela sensação de mortalidade; o desconcerto do mundo; a nítida influência de Petrarca, poeta renascentista italiano que define todo um padrão de poesia e que é largamente tomado como modelo por poetas da península Ibérica; o bucolismo clássico; um certo maneirismo; tendência artística aparentada do Barroco que se caracteriza pela presença de uma visão pessimista do mundo, com um trabalho rebuscado da forma. Enfim, encontramos em Camões uma variedade de temas que nos remetem diretamente ao mundo renascentista que ele representa, com suas certezas racionais entremeadas das angústias maneiristas que vão desembocar na tensão da arte barroca do século XVII.

Para saber mais!



CAMÕES, L. de. Sonetos: antologia comentada; organização, apresentação, comentários críticos e notas: Sérgio Luís Fischer e Luís Augusto Fisher. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

MARTINS, A. S. R. O Poema: fonte de inspiração para a produção textual: **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, ano 22, v.1, n. 26, p. 154-174, 2016.

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor

Luís de Camões
(CAMÕES, 2012, p. 37)

2.1 Qual é o tema abordado no poema?

2.2 Compare o poema da atividade 1 com o poema apresentado na atividade 2. O que há de diferente entre eles? Os dois textos podem ser considerados poemas?

2.2.1) Em termos formais, em que eles se diferenciam?

2.3

Considerando-se a estrutura do poema de Camões, podemos identificá-lo como um soneto. Descreva a composição dessa estrutura.

2.4

Você percebeu a presença da musicalidade no poema a partir da repetição dos sons das palavras? Quais são elas?

2.5

Como elas estão estruturadas no poema?

2.6

Qual a metrficação do poema? Transcreva dois versos do poema para exemplificar a sua resposta.

2.7 As sílabas poéticas são divididas da mesma maneira que as sílabas gramaticais? Explique sua resposta

2.8 Considerando suas respostas anteriores, que elementos compõem o poema?

2.9 As três primeiras estrofes do soneto de Camões introduzem um raciocínio baseado em hipóteses. A conclusão desse raciocínio é apresentada na última estrofe do soneto.

2.9.1) Que raciocínio é esse?

2.9.2) Qual a conclusão a que chega o eu lírico?

Atividade 03

Nome da atividade A leitura crítica do poema.

Objetivo Análise crítica do poema, sua relevância como gênero textual socialmente produzido, ler, refletir contextualizar na realidade do aluno.

Recursos digitais Computador, projetor e internet.

Tempo 4 tempos de 50 min.

Professor, a atividade consiste em mostrar ao aluno a relevância social em que se inserem os poemas tanto na historiografia, quanto em outras épocas. Procure abordar a significação do poema de Gregório de Matos nos anos seiscentistas e estabelecer um vínculo crítico com nosso momento atual. É importante ressaltar o olhar crítico de Gregório diante das mazelas de nosso país. O dualismo que resulta do desconforto da crítica social, de quem não aceita o desconcerto do mundo, e uma veia lírica de redenção espiritual para além dos desajustes individuais é o que talvez molde a face mais conhecida de Gregório de Matos. Há, ainda, na atividade 04 um olhar mais reflexivo diante da dualidade existencial do ser humano, Gregório de Matos, nesse âmbito, conseguiu expressar com plenitude o espírito ambivalente e contraditório do mudo barroco, alçado à figura paradigmática de um mundo oscilante entre fé e pecado, virtude e vício, luz e sombra. Nessa atividade, é fundamental ouvir as reflexões de nossos alunos, as suas crenças, as suas dúvidas e certezas.

Para saber
mais!



BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MATOS, G. de. Reunião de poemas. Seleção e prefácio André Seffrin. 1. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

Que falta nesta cidade?... Verdade.

Que mais por sua desonra?... Honra.

Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.

O demo a viver se exponha,

Por mais que a fama a exalta,

Numa cidade onde falta

Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste rocrócio?... Negócio.

Quem causa tal perdição?... Ambição.

E no meio desta loucura?... Usura.

Notável desventura

De um povo néscio e sandeu,

Que não sabe que perdeu

Negócio, ambição, usura.

Quais são seus doces objetos?... Pretos.

Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.

Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao Demo os insensatos,

Dou ao Demo o povo asnal,

Que estima por cabedal,

Pretos, mestiços, mulatos.

Quem faz os círios mesquinhos?... Meirinhos.

Quem faz as farinhas tardas?... Guardas.

Quem as tem nos aposentos?... Sargentos.

Os círios lá vem aos centos,

E a terra fica esfaimando,

Porque os vão atravessando

Meirinhos, guardas, sargentos.

E que justiça a resguarda?... Bastarda.

É grátis distribuída?... Vendida.

Que tem, que a todos assusta?... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa

O que El-Rei nos dá de graça.

Que anda a Justiça na praça

Bastarda, vendida, injusta.

Que vai pela clerezia?... Simonia.

E pelos membros da Igreja?... Inveja.

Cuidei que mais se lhe punha?... Unha

Sazonada caramunha,

Enfim, que na Santa Sé

O que mais se pratica é

Simonias, inveja e unha.

E nos frades há manqueiras?... Freiras.

Em que ocupam os serões?... Sermões.

Não se ocupam em disputas?... Putas.

Com palavras dissolutas

Me concluo na verdade,

Que as lidas todas de um frade

São freiras, sermões e putas.

O açúcar já acabou?... Baixou.

E o dinheiro se extinguiu?... Subiu.

Logo já convalesceu?... Morreu.

À Bahia aconteceu

O que a um doente acontece:

Cai na cama, e o mal cresce,

Baixou, subiu, morreu.

A Câmara não acode?... Não pode.

Pois não tem todo o poder?... Não quer.

É que o Governo a convence?... Não vence.

Quem haverá que tal pense,

Que uma câmara tão nobre,

Por ver-se mísera e pobre,

Não pode, não quer, não vence.

Gregório de Matos

(MATOS, 2014, p. 14)

3.1 Identifique o tema do poema e explique como ele é desenvolvido.

3.2 De que maneira o tema e o tratamento dado a ele permitem associar este poema ao Barroco?

3.3 Gregório de Matos representa a escola literária do Barroco no Brasil. Assim como o Barroco europeu, o Barroco brasileiro foi marcado pela efemeridade da vida, pela angústia do ser, pela dualidade entre o mundo físico e espiritual. Assim, apesar das características em comum, visa a questões específicas no contexto brasileiro. Retire, do soneto, dois versos que expressem essa característica específica.

“À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece:
Cai na cama, e o mal nasce,
Baixou, subiu, morreu.”

3.4 Na estrofe a cima, o eu lírico usa uma imagem metafórica para construir um panorama da cidade da Bahia do século XVII. Explique essa ideia metafórica construída no poema

3.5 Se pensarmos no contexto político do Brasil hoje, no século XXI, seria possível afirmar que o poema, de Gregório de Matos, retrata-o?

3.6 Nas duas primeiras estrofes, quais as imagens e metáforas utilizadas pelo eu lírico? A quem elas representam?

3.7 Para você, o contexto exposto pelo eu lírico gera alguma significação?

Atividade 04

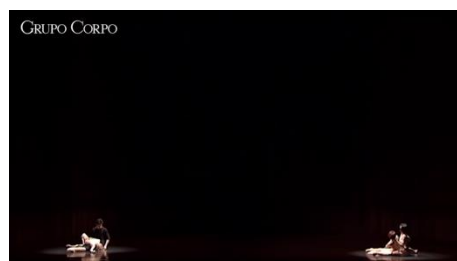
Nome da atividade A interpretação artística do poema.

Objetivo Estabelecer relações entre diferentes representações do mesmo objeto artístico.

Tempo 1 tempo de 50 min.

Professor(a), para essa atividade, é interessante ressaltar os elementos dualistas presentes na estética barroca, relacionando-a com o poema e o vídeo. Estabelecer a relação entre eles pode levar o aluno a uma percepção mais global do que foi a escola literária e seus anseios.

Imagens do vídeo do Grupo Corpo:



Fonte: https://www.youtube.com/channel/UC_2LrZ_lXmmVADPSVZhxJ-A

Na oração, que desaterra.....aterra
Quer Deus, que, a quem está o cuidado.....dado
Pregue, que a vida é emprestado.....estado
Mistérios mil, que desenterra.....enterra.

Quem não cuida de si, que é terra.....erra
Que o alto Rei por afamado.....amado,
E quem lhe assiste ao desvelado.....lado
Da morte ao ar não desaferra.....aferra.

Quem do mundo a mortal loucura.....cura,
A vontade de Deus sagrada.....agrada,
Firmar-lhe a vida em atadura.....dura.

Ó voz zelosa, que dobrada.....brada,
Já sei, que a flor da formosura.....usura
Será no fim desta jornada.....nada.

Gregório de Matos.
(MATOS, 2014, p. 23)

4.1 Que elementos do poema estabelecem um “diálogo” com o vídeo do Grupo Corpo? Como esses elementos representam o Barroco?

4.2 Qual é a figura de linguagem que indica a tensão entre os opostos? Explique.

4.3 Observe os versos a seguir:

“Já sei, que a flor da formosura.....usura
Será no fim desta jornada.....nada.”

4.3.1) O que representam a “flor da formosura” e o “nada”?

4.3.2) Como esses elementos estão relacionados ao Barroco?

4.4 A literatura e as demais formas de arte podem levar o ser humano a refletir sobre as angústias e as alegrias da própria existência. A leitura do poema nos ajudaria a compreender melhor a realidade? Por quê?

Atividade 05

Nome da atividade A leitura do poema.

Objetivo

Construir o hábito da leitura, incentivar a leitura, aprimorar a oratória, trabalhar a postura corporal nas apresentações, elevar a confiança do aluno em suas apresentações.

Tempo

4 tempos de 50 min.

Professor(a), para realizar essa atividade, cada aluno deve receber um poema com a data que irá apresentá-lo previamente. Na apresentação individual, deve-se priorizar o bem-estar do aluno. É importante perceber se ele está à vontade para realizar a leitura para os demais colegas de classe. Caso perceba algum desconforto por parte do aluno, sugira algumas medidas como ler juntamente com o aluno, estar ao lado do aluno, conduzindo a leitura, e até ler em seu lugar. Buscamos, com esta atividade, incentivar uma relação prazerosa com a leitura oral do poema, observando a importância da sonoridade do texto, com sua musicalidade, criada a partir das rimas e ritmo, o que implica na cuidadosa seleção lexical.

Na escola, a leitura literária tem a função **de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.**
(COSSON, 2016, p. 30)

Para saber
mais!



COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Texto e Linguagem).

Atividade 06

Nome da atividade A imagem do poema.

Objetivo Construir visualmente os elementos do poema, ampliar sua significação por meio da imagem.

Tempo 2 tempos de 50 min.

Professor (a), essa atividade deve ser realizada após a leitura de todos os poemas em sala de aula. Os alunos devem elaborar um desenho que possua os mesmos significados apresentados no poema. Eles devem considerar a temática, as figuras de linguagem e a escola literária à qual pertence o poema dentro da historiografia literária. No desenho devem constar o título do poema e o poeta. Com os desenhos, pode-se elaborar um mural para ser exposto no colégio, valorizando o trabalho dos alunos.

Atividade 07

Nome da atividade

A releitura dos poemas por meio das tecnologias digitais: a produção de um vídeo pelos alunos.

Objetivo

Utilizar a tecnologia digital para promover a participação ativa do aluno em um ambiente híbrido, análogo e digital.

Recursos digitais

Computador, projetor e internet.

Tempo

4 tempos de 50 min.

Professor(a), esta atividade consiste na apresentação, em mídia digital, da interpretação do aluno sobre os poemas trabalhados em sala de aula. A turma pode ser dividida em grupos, como no neste caderno de atividade, ou pode ser elaborado individualmente. Ao chegar nesta etapa do trabalho, o aluno deve ter participado das tarefas anteriores. De modo que esta atividade é a realização de uma releitura, das obras estudadas, feita pelo aluno. Assim, o discente deve atuar nesta tarefa com total autonomia de criação. O intuito é levarmos o aluno a uma sistematização dos conceitos definidos anteriormente pela sua participação ativa, desenvolvendo dentro do ambiente tecnológico o seu olhar crítico sobre as informações a que teve acesso.

Modelos acadêmicos engessados não funcionam mais porque, assim como os mapas, ficam rapidamente defasados e obsoletos. Nas escolas depois da internet, há apenas princípios norteadores, modelos acadêmicos flexíveis e adaptáveis.

É preciso que as escolas troquem a força pela resiliência, ou seja, a capacidade de lidar com problemas, superar obstáculos resistir à pressão, buscar a transição. Que tenham a predisposição de puxar e não empurrar as possibilidades de melhoria que a internet proporciona aos processos de ensino e aprendizagem.

(FAVA, 2014, p. 102)

Para saber
mais!



FAVA, R. **Educação 3.0**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A (org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Ed. Papyrus, 2000. p. 67-132.

Bibliografia

AZEREDO, J. C. de. **A linguística, o texto e o ensino da língua**. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

BAIRRAL, M. A.; DE ASSIS, A. R.; SILVA, B. C. C. da. Uma matemática na ponta dos dedos com dispositivos touchscreen. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Curitiba, v. 8, n. 4, p. 39-74, 2015. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/1754>. Acesso em: 08 mar. 2018.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A (org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Ed. Papirus, 2000. p. 67-132.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAMÕES, L. de. **Sonetos: antologia comentada**; organização, apresentação, comentários críticos e notas: Sérgio Luís Fischer e Luís Augusto Fisher. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FAVA, R. **Educação 3.0**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. edição. São Paulo: Ed. Ática. 2008.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Texto e Linguagem).

LOPES, A. O. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 37-50. (Coleção Magistério: formação e Trabalho Pedagógico).

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade, e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZA, B.; BRITO, K. S. (Orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-32.

MARTINS, A. S. R. O Poema: fonte de inspiração para a produção textual: **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, ano 22, v.1, n. 26, p. 154-174, 2016.

MATOS, G. de. Reunião de poemas. Seleção e prefácio André Seffrin. 1. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, Educação e Tecnologia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1928100.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

PIGNATARI, D. O que é comunicação poética. 10. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

PINHEIRO, H. Poesia na sala de. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA. J. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SINGER, H. Protagonismo, a potência da ação da comunidade escolar. 1. ed. São Paulo: Ashoka / Alana, 2017.

VERISSIMO, L. F. Poesia numa hora dessas?! Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.